

PERPECTIVAS DA PRAXIS DOCENTE NA ATUALIDADE ARTICULANDO PEDAGOGIA DA ESPERANÇA

2019

Carlos Alberto de Souza Cabello

Mestre em Educação Matemática. Pedagogo. Psicopedagogo. Atualmente é professor concursado do Centro Paula Souza, ETEC Zona Sul e ETEC GETÚLIO VARGAS. Também professor universitário na FMU. Pesquisador e docente em cursos de Formação de Professores (Brasil)

Email:

professorcabello@bol.com.br

RESUMO

O objetivo desse trabalho é identificar, na obra “Pedagogia da Esperança”, as possíveis articulações realizadas por Freire que contempla quatro momentos perpassando pelas suas experiências, pela sua formação, pela necessidade da educação defender os oprimidos diante de opressores e, por fim, revisitando o autor suas reflexões inseridas na obra Pedagogia do Oprimido, onde um dos objetivos essenciais é demonstrar e instigar que a educação e a esperança são interlocutoras para as ações e atitudes da sociedade.

Palavras-chave: Esperança, experiências, educação, oprimidos, ações e atitudes.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



1. INTRODUÇÃO

A obra é constituída de quatro momentos, os quais se contemplam em um contexto relacionado à experiências, formação, e a inspiração das ideias do autor para a construção de suas pedagogias inicia com um texto intitulado “Primeiras Palavras”, onde Freire justifica a razão de escrever Pedagogia da Esperança diante de uma situação em que não havia esperança. O autor propicia também uma sinopse de fatos inseridos em Pedagogia do Oprimido, descrevendo inclusive alguns países, por onde passou no período de exílio. Numa perspectiva da necessidade de ser esperançoso e propagador de sonhos. Enfatiza que a ausência de esperança trava a ação das pessoas e não propicia uma luta de sucesso. Explicita as razões do reencontro da Pedagogia da Esperança com a Pedagogia do Oprimido, articulando que é preciso sempre alimentar a esperança de que a mudança é possível. De que as injustiças, as desigualdades, a miséria, possam um dia senão desaparecer completamente, ao menos ser amenizada ou corrigida. Após as primeiras ideias embutidas no texto inicial, onde Freire menciona razões de sua decisão de não advogar, pois sua formação era em direito, e sim pender para a educação. Decisão essa que influenciou e proporcionou diversos aprendizados e também descreve algumas experiências vividas na Universidade do Recife, na obra, é identificado o auge dado pelo autor através das relações históricas, econômicas e sociais, da importância da esperança diante de um mundo que vivemos frente a momentos de lutas por um mundo melhor as pessoas, independentemente de qualquer discriminação.

2. EXPERIÊNCIAS DO AUTOR QUE INFLUENCIARAM SUA CONCEPÇÃO E MOTIVARAM A CRIAÇÃO DE PEDAGOGIA DO OPRIMIDO E PEDAGOGIA DA ESPERANÇA.

Algumas experiências vivenciadas por Freire, contribuíram para confirmar suas ideias numa perspectiva de humanização de uma relação de opressores e oprimidos , entre elas a experiências com filhos e filhas de trabalhadores rurais e urbanos, a convivência com suas dificuldades e possibilidades de vida, as conversas que teve com pescadores e pais de família, que abriu os horizontes de Freire para as desigualdades sociais e de como a sociedade está estruturada a partir de uma contradição entre opressores e oprimidos.

Realidades que contribuíram em suas percepções articuladas a escola pública e que contribuíram para preocupações com o tema da democratização da escola pública, da reprodução de uma ideologia autoritária nas escolas que tem início na própria família, da aprendizagem

mecanicista, da relação entre autoridade e liberdade, do castigo e do prêmio em educação. O autor traz à tona nessa obra dois episódios que marcaram de tal forma sua pessoa que o acompanharam por toda sua vida. Sendo que uma se refere a fala de um operário em uma de suas palestras. Destacando como a fala desse operário marcou profundamente seu saber sobre as desigualdades sociais e de como tais desigualdades se refletem em vidas tão diferentes como a dele, Freire, e o operário.

[...] veja, doutor, a diferença. O senhor chega em casa cansado. A cabeça até que pode doer no trabalho que o senhor faz. Pensar, escrever, ler, falar esses tipos de fala que o senhor fez agora. Isso tudo cansa também. Mas – continuou – uma coisa é chegar em casa, mesmo cansado, e encontrar as crianças tomadas banho, vestidinhas, limpas, bem comidas, sem fome, e a outra é encontrar os meninos sujos, com fome, gritando, fazendo barulho. E a gente tendo que acordar às quatro da manhã do outro dia pra começar tudo de novo, na dor, na tristeza, na falta de esperança. Se a gente bate nos filhos e até sai dos limites não é porque a gente não ame eles não. É porque a dureza da vida não deixa muito pra escolher (p. 13-14).

Articulando pedagogia do oprimido é “embutida” na prática, da experiência deste episódio “cuja memória eu trouxera para o exílio, ao lado da lembrança de outras tantas tramas vividas” (p. 14). Nesta obra que iremos encontrar umas das mais célebres ideias do autor, de que a educação sozinha não transforma o mundo, porem gera um fato que implica. De que é preciso se alimentar de esperança para refazer o mundo em luta com os oprimidos.

A esperança de quem viveu exilado e durante anos sentiu saudade de casa e a esperança de retornar a ela. “Paixão, saudade, tristeza, esperança, desejo, sonhos rasgados, mas não desfeitos, ofensas, saberes acumulados, nas tramas inúmeras vividas, disponibilidade à vida, temores, receios, dúvidas, vontade de viver e de amar. Esperança, sobretudo” (p. 18).

Durante a leitura de pedagogia dos oprimido podemos articular tarefas da educação popular e democrática da Pedagogia da Esperança, possibilitando às classes populares a imersão na sua realidade por meio da linguagem e, nesse sentido, a linguagem se torna caminho de invenção da cidadania. Na obra Pedagogia da Esperança reafirma a posição assumida na Pedagogia do Oprimido alguns anos depois. Na obra podemos interpretar que Freire dá conta o quanto a

linguagem tem de ideologia e como é necessário recriar a linguagem em uma sociedade que pretende pôr um fim na ideologia machista. Se a ideia é uma transformação radical da sociedade essa transformação deve ocorrer também no campo da ideologia, apagando todos os resquícios de um passado patriarcal e machista e de dominação e subjugação da mulher. Para o mundo mudar radicalmente a linguagem deve acompanhar essa mudança e mudar o mundo inclui neste processo a mudança da linguagem. É evidente a intensão de que através dessa abordagem a discussão cresça por meio de uma elaboração de conhecimento conjunto. “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo; os homens educam-se entre si, mediados pelo mundo”. (FREIRE) Mediante alguns aspectos da Pedagogia do Oprimido, que norteiam a Pedagogia da Esperança, tais como alfabetização para vida, luta de classes, educação crítica, leitura de mundo, linguagem no processo de mudança, percebe-se que a esperança, motivo dessa obra, é a mesma que o autor possuía ao escrever a Pedagogia do Oprimido.

3. CRITICAS MARCANTES ATENTADAS NA OBRA E QUE MERECEM DISSEMINAR

Nesse trabalho de releitura da obra identificamos que algumas dessas críticas são pertinentes, como a do caso da “linguagem reprodutora do machismo” mencionada mais acima. Outras são leituras mal feitas de seu pensamento, seu método e de seus textos de quem: “me leu mal, incompetentemente, ou não me leu” (p. 44). E Freire segue analisando algumas dessas críticas, como as direcionadas à questão da subjetividade, dos conteúdos programáticos da escola, da valorização do saber do aluno, do saber popular, a relação entre o saber local e o saber nacional, o saber científico, bem como críticas marxistas endereçadas à Freire, como a que “estranhava que eu não fizesse referência às classes sociais, que eu não tivesse afirmado, sobretudo, que a ‘luta de classes é o motor da história’. Estranhava que, em lugar de classes sociais, eu trabalhasse com o conceito vago de oprimido” (p. 46). Outra interpretação nossa articulou-se que a luta de classes, como projeto, não elimina o sonho e a esperança, pois o futuro libertador com o qual sonhamos não é inexorável e não está determinado. Antes devemos refazê-lo, produzi-lo, transformá-lo. E a educação tem um papel fundamental neste ponto: não só a educação escolar, mas uma educação das massas, uma educação popular que possibilite a passagem de uma “consciência ingênua” para uma “consciência crítica”. É neste sentido que volto a insistir na necessidade imperiosa que tem o educador ou educadora progressista de se familiarizar com a sintaxe, com a semântica grupos populares, de entender como fazem eles sua leitura do mundo, de perceber suas “manhas” indispensáveis à cultura de resistência que se vai constituindo e sem a qual não podem defender-se da violência a que estão submetidos (p. 55).

A formação técnica é uma prioridade sem dúvida mas, a seu lado, há outra prioridade que não pode ser posta à margem. O operário que está aprendendo, por exemplo, o ofício de torneiro, de mecânico, de pedreiro, de marceneiro, tem o direito e a necessidade de aprendê-lo tão melhor quanto possível, mas tem, igualmente, o direito de saber a razão de ser do próprio procedimento técnico. Tem o direito de conhecer as origens históricas da tecnologia, assim como o de tomá-la como objeto de sua curiosidade e refletir sobre o indiscutível avanço que ela implica mas, também, sobre os riscos a que nos expõe (p. 68)

Outra abordagem trazida na obra refere-se as visitas que fez à África: Zâmbia, Tanzânia, Luanda, Moçambique. Dos seminários para os quais foi convidado para falar da Pedagogia do Oprimido em universidades, grupos de estudos. Um desses encontros com o MPLA – Movimento para a Libertação da Angola –, onde pôde conversar sobre educação e luta, alfabetização nas áreas libertadas, prática educativa, guerras, formação técnica dos militantes.

4. CONCLUSÃO

Nossa interpretação é que “Pedagogia da Esperança” é um livro escrito com paixão, que certamente apaixonará o leitor. Paulo Freire foi um pensador atuante, que fez da educação um instrumento humanizador de cunho ao mesmo tempo prático e utópico. Nos momentos que compõem a obra, iniciando por relatos onde ressalta sonhos e realidades enfrentadas em sua trajetória, sendo desde o começo a obra insiste em prova a necessidade da esperança ter seu espaço na educação. Na sequência transpassa suas experiências vividas desde a infância e sua carreira nas instituições, nacionais e internacionais. Na continuidade retorna a pedagogia do oprimido. Nesse contexto a obra propicia relações para perpassar a necessidade de esperança na educação na perspectiva da alfabetização para a vida; luta de classes; educação crítica; leitura do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: Um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro. Paz, 1.992.